



EDITORIAL

Vol. 21, n. 39. 2024

Caminhos da filosofia hegeliana

O problema da recepção de Hegel no Brasil é estreitamente entrelaçado com a questão mais ampla e de grande atualidade da possibilidade de uma filosofia brasileira. Este dossiê dedicado à recepção da filosofia hegeliana, principalmente no Brasil e na França, mostra quão complexos e ricos são os caminhos das várias reelaborações críticas.

Começando pela filosofia francesa, que representa um “filtro” quase inevitável através do qual o debate europeu chega ao Brasil ao longo do inteiro século XX, o artigo de **Christine Blaettler** – *A leitura de Hegel de Alexandre Kojève e seu duplo legado* – descreve de que maneira e por meio de quais torções conceituais Alexandre Kojève ocupa um lugar central na compreensão de Hegel na França. A filosofia francesa da década de 1930 em diante, segundo a autora, não pode ser compreendida de forma adequada sem a leitura “particular e ambígua” de Kojève no seu seminário sobre Hegel. Por um lado, ainda que Kojève transmita um Hegel limitado à *Fenomenologia do Espírito* e à figura do senhor-servo, por sua influência a filosofia francesa elege Hegel como o filósofo da modernidade por excelência. Trata-se de uma modernidade caracterizada pelo ser humano que trabalha e, portanto, leva a história adiante. Por outro lado, o teorema do fim da história de Kojève apresentou uma maneira igualmente poderosa de pensar uma época e seus viventes após a modernidade delineada dessa maneira. Por isso, todas as tentativas, até as mais críticas, de formular um pensamento pós-moderno são de qualquer maneira dependentes de Hegel e da interpretação hegeliana de Kojève. Mas como seria possível escapar de Hegel?

Essa pergunta é posta pelo artigo *Como falar do não-sentido? Foucault, Derrida e a tentativa de escapar de Hegel pelo riso de Bataille*, de **Carl Corleis**, que interpreta o debate entre Foucault e Derrida como a exploração desta questão e a procura de



sua resposta. O autor mostra em que sentido, de acordo com Derrida, as novas tentativas de Foucault para sair da dialética de Hegel estão condenadas ao fracasso e qual seria a forma correta de escapar de Hegel. Corleis conclui sugerindo algumas consequências que ultrapassam o âmbito do debate entre Foucault e Derrida, relativamente ao alcance da dialética e à dificuldade geral de se opor a ela. A dificuldade de escapar de Hegel não é, evidentemente, exclusiva da filosofia de Foucault, nem é uma questão puramente teórica. Na medida em que, seguindo Derrida, Hegel ocupa todas as posições possíveis dentro da filosofia e da antifilosofia ostensiva, ele já está à espera por detrás de cada suposta saída e mostra que ela apenas conduz a outra sala do mesmo edifício. O autor, retomando Derrida, afirma então a necessidade de uma renúncia absoluta ao sentido e indica o riso como saído possível do edifício da racionalidade.

Voltando ao Brasil, e considerando a tradição, ainda em construção, dos estudos hegelianos nas nossas universidades, consideramos aqui especialmente a matriz marxista da pesquisa sobre Hegel, presente principalmente no estado de São Paulo, na UNICAMP e na USP.

Na primeira, a referência central é o professor Marcos Lutz Müller. O artigo de **Joãozinho Beckenkamp**, *A propósito de uma intervenção de Marcos Lutz Müller (1982) sobre dialética em Marx e Hegel*, mostra que a contribuição de Müller, na década de oitenta, destaca-se do cenário geral da recepção de Marx no Brasil daquele período. Sua contribuição poderia ser enquadrada naquilo que hoje se chama *Neue Marx-Lektüre*. O contato com aquelas novas perspectivas na leitura de Marx pode ser situado no período em que Marcos Müller passou na Alemanha, entre 1968 e 1975, quando concluiria com sua tese de doutorado sobre Sartre, sob a orientação de Ernst Tugendhat na Universidade de Heidelberg. O artigo que aqui apresentamos mostra como Müller, retomando uma sugestão de Fulda, aprofunda a reflexão sobre a interpretação do termo “*Umstülpung*”. A necessidade afirmada por Marx de “*umstülpen*” a dialética hegeliana não significa apenas virá-la de ponta cabeça, mas virá-la ao avesso. Apenas levando em consideração essa sugestão é possível entender plenamente a crítica de Marx ao idealismo e colher plenamente os seus frutos.

No que diz respeito à retomada de Hegel no marxismo uspiano, temos como referências as obras de José Arthur Giannotti, Ruy Fausto e Paulo Eduardo Arantes. A esses autores são dedicados os artigos respectivamente de Luiz Repa, Bruno Serrano,

Renata Guerra e Gisele Zanola. Contra Althusser e seus companheiros, preocupados em conferir ao marxismo o estatuto de discurso científico rigoroso e, portanto, desligado de seus começos metafísicos e antropológicos, Giannotti e Fausto propuseram uma linha de argumentação original em que o rigor do discurso marxiano só poderia ser garantido na medida em que pudesse reproduzir a “ordem da constituição ontológica” da sociedade capitalista. Portanto, trata-se de ver no Marx maduro o desenvolvimento de um corte ontológico, que o reaproxima da dialética hegeliana. Essas novas leituras ressaltaram a noção de abstração real como o fundamento do fetichismo da mercadoria em um sentido predominantemente hegeliano.

Em *The Necessary Illusion—Giannotti on Fetishism*, **Luiz Repa** tem como objetivo esclarecer que a interpretação de Giannotti não visa substituir uma perspectiva por outra, mas sim integrar os achados iniciais da crítica da abstração real com as práticas de mensuração ilusórias inerentes ao processo de produção e troca de mercadorias. De modo geral, portanto, pode-se dizer que nessa vertente do marxismo filosófico brasileiro a relação entre dialética hegeliana e crítica do capitalismo coloca as categorias de Hegel num contexto que as matrizes de interpretação europeias geralmente desconhecem.

Nesse sentido, a solução de Ruy Fausto ao debate sobre a relação entre ética e marxismo típica do pensamento anglo-saxão e o sobre humanismo e anti-humanismo (em parte análogos) é paradigmática, como demonstra **Bruno Serrano** no artigo *Ruy Fausto, normatividade e antinormatividade*. Ignorando os desenvolvimentos e debates pós-habermasianos, Fausto enaltece a dialética de Adorno justamente porque não era “nem humanista nem anti-humanista.” E dado que para Fausto tal dialética escapava à dicotomia, como argumentou no ensaio “Dialética marxista, humanismo, anti-humanismo”, publicado pela primeira vez em 1978, então se tem por isso mesmo os contornos gerais da forma que tomará sua solução, à primeira vista nova na história do problema: “Veremos que haverá então uma resposta que, a rigor, não é nem moralizante nem anti-moralizante”. O artigo de Serrano tenta elucidar o porte dessa solução considerando os conceitos de negação dialética, pressuposição, posição e, finalmente, intersessão.

Renata Guerra mostra, em *Entendimento, razão e os limites da dialética em Ruy Fausto*, como Fausto oferece uma contribuição original para o difícil problema da relação entre a dialética hegeliana e a marxiana. Seguindo Fausto, Guerra mostra a raci-

onalidade da dialética marxiana se encontra na relação de adequação entre objeto empírico irracional (o capital) e teoria mistificada (a dialética). A mistificação da realidade denunciada pelo jovem Marx na dialética hegeliana é compreendida finalmente como adequada a seu objeto pelo Marx maduro, que compreende qual é seu verdadeiro referente. A sacada de Fausto, valorizada por Guerra, é que essa *adaequatio* de conceito e coisa dá novo peso ao entendimento para uma compreensão teórica dialética. A dialética do capital (e do *Capital*) é caracterizada pela imposição de limites, pelo entendimento, à atividade especulativa da razão, e só assim ela pode ser crítica. Sempre que o aspecto irracional da reprodução capitalista salta à frente na exposição marxiana – como na interversão que ocorre na lei da apropriação capitalista –, é o entendimento que retoma o privilégio para demonstrar a não-identidade do capital consigo mesmo.

Por sua vez, ***O atraso como condição da crítica: Paulo Arantes sobre A ideologia alemã***, de **Gisele Zanola**, mostra como Paulo Arantes se valeu do processo de constituição da dialética hegeliana na Alemanha economicamente retardatária no início do século XIX para entender os impasses da “formação” do Brasil como nação atrasada e enraizada na combinação de modernização e escravagismo. De um lado, portanto, o interesse pela presença de Hegel em Marx se concentrava na lógica da crítica do capitalismo de maneira geral, ao passo que, de outro lado, a dialética hegeliana era uma chave indispensável para uma comparação de processos de formação cultural e social em contextos específicos de atraso econômico. Como mostra Zanola, Arantes vê no tema do atraso a chave para a compreensão da crítica da ideologia presente nos manuscritos de Marx e Engels, já que a universalidade da ideologia alemã, por ser índice do descompasso entre o interior e o exterior da Alemanha, abre a possibilidade para que ela seja contraposta à realidade efetiva, e, portanto, para que ela seja condição da crítica da ideologia em geral, como da própria realidade efetiva. O artigo evidencia a relevância que Arantes dá à crítica dos universais de Max Stirner, fundamental para a própria crítica da ideologia de Marx e Engels.

A relação entre a filosofia de Hegel e as interpretações dos jovens hegelianos é também tema tratado por **Falko Schmieder** em ***A crítica de Hegel à certeza sensível e a sua reabilitação por Feuerbach sob a perspectiva da teoria da fotografia***. O artigo examina como Feuerbach revisita a crítica de Hegel à certeza sensível e reabilita essa figura da consciência. Esta reabilitação é contextualizada dentro da revolução cultural-

mediática da fotografia, e leva a pensar que a inovação artístico-técnica da fotografia influenciou a consideração feuerbachiana da certeza sensível. Para Feuerbach a fotografia satisfazia a carência do tempo por uma presentificação sensível das relações abstratas e oferecia uma transfiguração estética delas, sem ter de abandonar a reivindicação de objetividade. O autor aponta, no final do seu artigo, para a relevância desta interpretação da certeza sensível na concepção da indústria cultural em Adorno e Horkheimer e para sua atualidade.

Hegel, não conhecia a fotografia, mas nos *Cursos de Estética* nos ofereceu uma importante interpretação da pintura. Essa interpretação está no cerne da original releitura do filósofo Gerd Bornheim, que foi professor na UFRJ, como mostra **Pedro Hussak van Velthen Ramos** no artigo *Gerd Bornheim leitor da Estética de Hegel*. Segundo Hussak, justamente a Estética de Hegel, particularmente no problema da morte da arte, representaria o “desfalecimento das sistematizações metafísicas”. Em *A invenção do novo*, Bornheim sustenta que Hegel havia descoberto a arte pura, ou seja, o fato de que os holandeses ao se permitirem pintar, por exemplo, uma natureza morta, enfatizam menos o objeto figurado, mas se dedicam a pintar a própria pintura, colocando em primeiro lugar o fazer do pintor, de modo que qualquer tema, mesmo a arte abstrata, seria igualmente válido. A arte pura, cuja descoberta teria sido, então, feita por Hegel, seria, segundo a interpretação de Bornheim, um dos dois paradigmas de toda arte moderna. Bornheim, interpretando Hegel, antecipa motivos próprios da estética de Rancière e coloca Hegel numa continuidade contraditória com os desenvolvimentos mais anti-hegelianos da filosofia francesa contemporânea.

Um outro importante polo brasileiro dos estudos hegelianos se encontra no Rio Grande do Sul, aqui um dos protagonistas centrais é Carlos Cirne-Lima. No artigo *Contradição ou contrariedade? Cirne-Lima e a necessidade de correção do suposto sistema circular de Hegel*, **Felipe Taufer** explica e critica a teoria da contradição como oposição de Cirne-Lima, mostrando ao mesmo tempo a sua importância para revitalizar o debate sobre a contradição no Brasil, em diálogo com pesquisadores contemporâneos, europeus e norte-americanos.

Não podia faltar no nosso dossiê uma reflexão acerca do lugar de Hegel nos estudos decoloniais. Tal visada é apresentada por **Guilherme Ferreira** em *Desde de Hegel, apesar de Hegel, mas com Hegel: a filosofia decolonial como método prático-*

poiético de libertação da América Latina. Se por um lado Hegel pode ser considerado uma referência crítica fundamental dos interesses decoloniais, e certamente há respaldos textuais para confirmar o seu Eurocentrismo, por outro lado, como Ferreira explica, e como vimos em outros artigos deste dossiê, fugir de Hegel é mais difícil do que se pensa. Ferreira examina a recepção da filosofia de Hegel nas filosofias decoloniais latino-americanas a partir da década de 1960, em especial, na filosofia da libertação de Enrique Dussel, cuja “presença de Hegel” (ora explícita, ora implícita) é essencial para a fundamentação do método analético. O artigo conclui que o “giro decolonial” reivindicado sobretudo pelo método dusseliano não consegue escapar da ideia hegeliana de “história universal” como “autoprodução da liberdade absoluta” apesar das relevantes e necessárias inversões metodológicas.

Esses artigos são frutos de um diálogo aberto graças a uma sugestão da amiga e colega Marloren Lopes Miranda, a quem desejamos expressar aqui a nossa gratidão. A sua sugestão virou um projeto de pesquisa internacional financiado pela CAPES e pelo DAAD (CAPES-PROBRAL 88887.700839/2022-00). O dossiê apresenta uma parte dos resultados dos encontros realizados em 2023 no âmbito deste projeto, no workshop “Leituras Marxistas de Hegel”, ocorrido em 8 de novembro de 2023 na Universidade de São Paulo, e no simpósio internacional “Recepção de Hegel no Brasil na segunda metade do século XX em perspectiva comparada” da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, realizado no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica nos dias 13 e 14 de novembro de 2023.

Além das interpretações, o projeto que leva o título **A Terceira Margem: Recepção de Hegel no Brasil na Segunda Metade do Século XX** visa, afinal, mostrar que o ideal hegeliano de universalidade da filosofia pode ser alcançado quando a estrutura da pesquisa e dos seus centros são pensados segundo a imagem da rede, em que todos os pontos são articulados e conectados uns com os outros, encontrando justamente na conexão o próprio sentido.

GIORGIA CECCHINATO

LUIZ DE CAUX